

NAPOLITANO, M., CZAJKA, R., MOTTA, R.P.S. (org). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

por Thiago Bicudo Castro¹

Composto por uma coletânea de dezesseis capítulos com autoria de pesquisadores de áreas diversas, que vão das Ciências Sociais à Comunicação, passando pela crítica literária e estudos da linguagem, o livro *Comunistas Brasileiros* é resultado do Colóquio Comunistas Brasileiros: Cultura Política e Produção Cultural, realizado em 2011 no departamento de História da FFLCH (USP), em conjunto com os Programas de Pós-Graduação em História da UFMG e da USP. A diversidade de autores evidencia a tentativa de levantar as múltiplas análises em torno da memória produzida entre os anos de 1930 e 1980 acerca das atividades, propostas e produções de intelectuais e artistas que, de alguma forma, tiveram vinculações com o Partido Comunista Brasileiro – PCB. O livro deixa claro a forma e o conteúdo das atividades culturais de diversos grupos que gravitavam em torno dos ideais políticos e estéticos do PCB em diferentes contextos – políticos, econômicos, sociais e culturais – do Brasil recente.

Os dois primeiros capítulos são dedicados a compreender a cultura política e as representações comunistas. O historiador e um dos organizadores do livro, Rodrigo Patto Sá Motta abre a coletânea e no seu texto *A cultura política comunista: alguns apontamentos* procura adotar uma definição – ainda que sem pretensões de excluir as outras – para o conceito apresentado no título de seu escrito: cultura política. Na sequência e guiando-se por parâmetros teóricos semelhantes e abordando aspectos da cultura política comunista está o artigo intitulado *Quem é Zé Brasil? As representações do camponês brasileiro em obras de Candido Portinari*, da também historiadora Paula Elise Ferreira Soares. As pinturas de Portinari ao serem apropriadas pelo PCB permitiram que este lhes atribuísse uma nova significação, bem como a construção de um discurso instrumentalizado em torno das figuras do campo e do camponês.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP-Marília.

Também está presente no livro um amplo debate sobre a dramaturgia comunista, propondo análises sobre o teatro e o audiovisual. Denise Rollemberg e Igor Sacramento através de seus textos *O bem-amado e a censura: uma relação rigorosa ou flexível?* e *Por uma teledramaturgia engajada. A experiência de dramaturgos comunistas com a televisão dos anos de 1970*, respectivamente, abordam como personagem central o dramaturgo Dias Gomes, além de sua atuação cultural e política nos meios de comunicação, sobretudo na Rede Globo, sempre se atentando ao seu posicionamento ideológico e político – comunista. Reinado Cardenuto, no texto *A sobrevida da dramaturgia comunista na televisão dos anos de 1970*, expõe a trajetória profissional do dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, em especial na Rede Globo. Além de rica análise documental, os artigos traçam as trajetórias de Dias Gomes e Vianinha sob diferentes perspectivas, mas todas apontando para a questão do intelectual e artista engajados sob a diretriz do PCB, que entre outras coisas, manifestava a necessidade de “ocupar” espaços inseridos no contexto da emergência da indústria cultural. Temas como cooptação/infiltração, são desenvolvidos a partir das premissas expostas, mas há abordagens que visam uma nova chave explicativa para se compreender as obras e atuação político-cultural dos dramaturgos em questão.

Seguindo um eixo temático específico sobre política cultural, as historiadoras Miliandre Garcia e Carine Dalmás, além do também historiador Francisco Alambert, colocam em debate a “hegemonia cultural de esquerda”. O texto *Políticas culturais na ditadura militar. A gestão de Orlando Miranda no SNT e os paradoxos da “hegemonia cultural de esquerda (1974-1979)* de Miliandre Garcia se destaca por apresentar a influência estatal – simbolizada no SNT – sobre os roteiros das peças teatrais, por outro lado, também apresenta a participação dos comunistas nas políticas públicas para o teatro, evidenciando a hegemonia cultural de esquerda. Alambert em *A realidade tropical* faz menção à hegemonia cultural de esquerda, contudo já indicando seu declínio nos anos de 1970, com o advento dos movimentos contraculturais, sobretudo o Tropicalismo. A origem das críticas, fundamentadas a partir de uma leitura marxista gestada no interior do PCB contra estes movimentos, pode ser verificada na discussão que Carine Dalmás explora no artigo *Os comunistas, a cultura e a política das frentes populares*. A historiadora ressalta a importância dos intelectuais e artistas que se vincularam aos partidos comunistas do Brasil e Chile no processo divulgação cultural, a partir dos anos de 1930, suas relevantes

participações nas revistas dos partidos, a adesão ao “realismo socialista” e a defesa de estratégias políticas fundadas nas Frentes Populares, assim como alianças entre classes. Martin Cezar Feijó em *O comunista e o hippie: Rasga Coração de Vianinha em uma perspectiva histórico-cultural (1968-1974)* debruça-se sobre a mais expressiva produção cultural de Vianinha, o espetáculo *Rasga Coração*. Seu capítulo descreve com detalhes o conteúdo da peça, bem como seus personagens, e com isso demonstra como Vianinha esteve inserido na organização do PCB no contexto da Guerra Fria, mas principalmente com a “ameaça” que a contracultura representava aos comunistas e ao projeto político-cultural de resistência à ditadura. Portanto, os autores trabalham com a hipótese da ascensão e declínio da hegemonia cultural de esquerda entre as décadas de 1960 e 1970.

A relação dos intelectuais com o partido está representada nos textos *Nelson Werneck Sodré e o clube militar* do cientista político Paulo Ribeiro da Cunha, e em “*A luta pela cultura*” do sociólogo Rodrigo Czajka. Os artigos exploram a importância dos intelectuais na articulação do PCB, mas consideram também as dificuldades encontradas a partir da interferência dos militares. As interferências em questão se apresentam na forma dos IPM’s e das adversidades internas do Clube Militar.

A literatura e a imprensa se encontram num próprio eixo temático que irá abordá-las sob a perspectiva do engajamento e a função estética das letras. Doutor em teoria literária, Eduardo José Tollendal escreve o artigo *Arte revolucionária, forma revolucionária* e demonstra de que maneira o romance *O caminho das trombas* de José Godoy Garcia se constitui como uma crítica política, ao mesmo tempo em que aprofunda teoricamente na questão estética da obra. Marcos Roxo e Mônica Mourão, respectivamente, professor do departamento de estudos culturais e mídia da UFF e jornalista, escrevem juntos o artigo *Jornalismo, memória e clientelismo*. Expõem a busca de identidade do jornalista comunista perante o partido e sociedade civil, seja na clandestinidade ou infiltrado nas grandes empresas de mídia.

Por fim, os historiadores Marcos Napolitano em “*A estranha derrota*”, Miriam Hermeto com o texto *Grupo casa grande (1974-1979)* e Arnaldo Daraya Contier em artigo intitulado *Sérgio Ricardo: modernidade e engajamento político na canção*, não deixam a problemática do engajamento fora das análises, mas a problematiza no contexto das resistências culturais pós-golpe militar de 1964. Ambos relacionam as ações de seus

personagens a uma rede de artistas e ou intelectuais e ao temário proposto pelo PCB durante os anos de 1960 e 70. Assim como o Grupo Casa Grande através de intensos debates buscou compreender quem é o “povo” brasileiro, o compositor Sérgio Ricardo foi aos poucos rompendo com a bossa nova para adentrar na chamada música engajada, que elucidava uma pequena parte deste povo, por meio das representações sobre o morro e as pessoas que o habitam no ambiente urbano. A síntese dessa busca é mais bem compreendida em Napolitano, pois este define os grupos que faziam a resistência cultural naquele momento e dentre eles está o PCB, que não abandonou a proposta de conceituar o nacional-popular.

A obra oferece significativa contribuição aos estudos históricos, sociológicos e para as áreas da comunicação e artes. Coloca em primeiro plano a pouco conhecida participação de artistas e intelectuais comunistas no campo da cultura, demonstrando, portanto a relevância que o tema vem ganhando entre pesquisadores de diversas formações. O livro *Comunistas brasileiros* faz emergir debates sob várias perspectivas em torno participação desses agentes no campo político, mas também a maneira como a cultura comunista ultrapassou os limites do partido e circulou em espaços antes pouco frequentados.